

Plataforma de Inovação Agropecuária

Um mecanismo eficiente para o fortalecimento da cooperação Sul-Sul^{1,2}

Rodrigo M. Ferraz³
Maria Eduarda Nogueira Cajueiro⁴
Ana Gláucia Heinrich⁵
Uander Gonçalves dos Anjos⁶
Silvia Satiko Onoyama Mori⁷
Francisco José B. Reifschneider⁸

Resumo – A Plataforma África-Brasil de Inovação Agropecuária é uma parceria internacional para promover a pesquisa agrícola para o desenvolvimento por meio de diálogos políticos e financiamento de projetos colaborativos para o benefício de pequenos produtores. Ao longo das quatro primeiras rodadas da Plataforma, observou-se que a quantidade e qualidade de pré-propostas submetidas variaram entre as regiões africanas. O principal objetivo deste estudo foi avaliar se tais variações podem ser atribuídas a fatores sociais, políticos, econômicos, científicos ou tecnológicos dos países africanos participantes. Para tal, 267 pré-propostas submetidas foram analisadas. Os resultados obtidos sugerem uma mudança na estratégia de comunicação utilizada pela Plataforma.

Palavras-chave: agricultura, desenvolvimento africano, relações internacionais.

Agricultural Innovation Marketplace: an efficient mechanism for strengthening South-South cooperation

Abstract – The Africa-Brazil Agricultural Innovation Marketplace is an international partnership aimed to foster agricultural research for development by supporting policy dialogue and funding of

¹ Original recebido em 5/3/2014 e aprovado em 10/3/2014.

² Os autores agradecem a André Dusi, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa); Aline Maria Thomé Arruda, professora no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB); Ana Flávia Barros, professora adjunta da Universidade de Brasília; Carlos Ragassi, pesquisador da Embrapa; e Gilmar Henz, adido agrícola junto à Embaixada do Brasil em Pretória, África do Sul, pelas importantes contribuições e sugestões.

³ Engenheiro-agrônomo, mestrando em Agronomia pela Universidade de Brasília, colaborador na Plataforma de Inovação Agropecuária – Embrapa/Funarbe. Embrapa – Secretaria de Relações Internacionais, Parque Estação Biológica – PqEB s/nº, CEP 70770-901, Brasília, DF. E-mail: ferraz.rodrigo.89@gmail.com

⁴ Graduanda em Relações Internacionais pelo UniCEUB, colaboradora na Plataforma de Inovação Agropecuária – Embrapa/Funarbe. Embrapa – Secretaria de Relações Internacionais, Parque Estação Biológica – PqEB s/nº, CEP 70770-901, Brasília, DF. E-mail: mariaeduarda.cajueiro@embrapa.br

⁵ Engenheira-agrônoma, colaboradora na Plataforma de Inovação Agropecuária – Embrapa/Funarbe. Embrapa – Secretaria de Relações Internacionais, Parque Estação Biológica – PqEB s/nº, CEP 70770-901, Brasília, DF. E-mail: aninha_glaucia@hotmail.com

⁶ Graduando em Geografia pela Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília, DF. E-mail: uanderelite@gmail.com

⁷ Engenheira de alimentos, mestre em Administração, pesquisadora na Embrapa. Embrapa – Secretaria de Relações Internacionais, Parque Estação Biológica – PqEB s/nº, CEP 70770-901, Brasília, DF. E-mail: silvia.onoyama@embrapa.br

⁸ Engenheiro-agrônomo, PhD em Fitopatologia, pesquisador na Embrapa. Embrapa – Secretaria de Relações Internacionais, Parque Estação Biológica – PqEB s/nº, CEP 70770-901, Brasília, DF. E-mail: francisco.reifschneider@embrapa.br

collaborative projects to the benefit of smallholders. Over the first four rounds of the project selection, it was observed that the quantity and quality of pre-proposals submitted varied between African regions. The main objective of this study was to assess whether these variations could be attributed to social, political, economic, scientific or technological factors of the participating African countries. To this end, 267 pre-proposals submitted were analyzed. The results obtained in this study suggest that there should be a change in the communication strategy used by the program.

Keywords: agriculture, African development, international affairs.

Introdução

Países com economias emergentes têm utilizado a cooperação Sul-Sul para alavancar seu progresso, por ser um mecanismo de desenvolvimento mútuo e de resolução de problemas comuns (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2012). Com o reconhecimento da contribuição científica para a agricultura tropical, instituições brasileiras de pesquisa, como a Embrapa, estão sendo requisitadas a fortalecer a cooperação Sul-Sul.

Em 2010, a Plataforma África-Brasil de Inovação Agropecuária surgiu no âmbito das discussões para aperfeiçoar e tornar mais efetiva a cooperação Sul-Sul (PEREIRA, 2012). Buso (2011) e Pereira (2012) relatam que a Plataforma é um mecanismo que visa a agrupar pesquisadores e técnicos africanos e brasileiros em um esforço conjunto na busca por soluções para problemas que atingem a agricultura africana, em adição a outros mecanismos (pequenos projetos, programas de capacitação e projetos estruturantes).

Com um aporte de aproximadamente US\$ 8 milhões de dólares, a Plataforma já realizou quatro rodadas de seleção de projetos, e verificou-se que a quantidade e a qualidade de pré-propostas recebidas variou entre as regiões africanas. Assim, é necessário compreender os fatores que influenciam essa diferença, já que esse é um importante mecanismo de cooperação que almeja mobilizar todo o continente africano em projetos com foco no atendimento às demandas de fortalecimento da agropecuária por meio da transferência de tecnologia (ARGOLLO, 2013).

Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi, com base na análise das pré-propostas, compre-

ender as possíveis influências sociais, políticas, econômicas e tecnológicas dos países do continente africano participantes da Plataforma de Inovação Agropecuária sobre a quantidade e a qualidade das propostas submetidas. Realizou-se o levantamento do número de propostas submetidas pelos países, bem como sua porcentagem de aprovação, observando os principais problemas que motivaram sua não aceitação. Em adição, avaliou-se a correlação entre a quantidade de propostas submetidas, e os indicadores sociais, econômicos e tecnológicos de cada país envolvido, bem como o idioma oficial e a influência dos doadores sobre os países receptores.

Referencial teórico

Cooperação África-Brasil em agricultura

Os arranjos alternativos de cooperação técnica e financeira emergiram a partir da década de 1970, com o intuito de aumentar a troca horizontal entre os países em desenvolvimento em contraponto à cooperação Norte-Sul (PONTE..., 2011; SANTOS, 2012). Segundo Santos (2012), nessa época o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), por meio da criação de uma unidade especial, começou a atuar em programas de cooperação técnica e intercâmbio entre países em desenvolvimento. Isso culminou com a elaboração de diretrizes aprovadas na forma do Plano de Ação de Buenos Aires, em 1978, que definiu uma estrutura conceitual e operacional para promoção de cooperação entre esses países.

No Brasil, há registros de atividades cooperativas já na década de 1950, por meio da política de cooperação internacional Norte-Sul que se estruturou no País com programas, projetos, doações e empréstimos (SANTOS, 2012). A partir da década de 1990, a cooperação técnica horizontal começou a se intensificar, e o País começou a ocupar posição estratégica na articulação entre os países do Sul, fruto de avanços técnicos, econômicos e sociais (BERNDT, 2009; CABRAL, 2011; RENZIO et al., 2013). Segundo Saraiva (2007), buscou-se implementar tanto a cooperação Sul-Sul mais tradicional com os vizinhos do continente sul-americano quanto com países considerados potências regionais com relativa relevância internacional.

A cooperação brasileira para o desenvolvimento registrou crescimento mais acelerado ao longo do segundo mandato do presidente Lula, com a abertura de novas frentes diplomáticas, particularmente com países emergentes e em desenvolvimento da África, Ásia e Médio Oriente (CABRAL, 2011). Segundo os estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e da Agência Brasileira de Cooperação (COOPERANÇA..., 2010), no âmbito da cooperação técnica brasileira, os valores alcançados foram da ordem de R\$ 273 milhões em 2009, crescimento de oito vezes em relação a 2005.

De acordo com Cabral (2011), a África é a principal região destinatária de projetos de cooperação técnica brasileira, representando 57% do orçamento, e atualmente existem projetos de cooperação técnica com 38 países africanos. De acordo com estudos realizados pelo Banco Mundial e Ipea (PONTE..., 2011, p. 3),

A partir do final do século XX, a África se tornou um dos principais temas da agenda externa do Brasil. O Brasil tem demonstrado um interesse cada vez maior em apoiar e participar do desenvolvimento de um continente que se encontra em rápida transformação.

Sob o olhar do estudo, as principais áreas demandadas para cooperação são: agricultura tropical, medicina tropical, ensino técnico, energia e proteção social. Na região da África Subsaa-

riana, há altos níveis de deficiências nutricionais e de micronutrientes, com melhorias relativamente modestas sobre as últimas duas décadas antes da atual (FAO, 2013). Portanto, fomentar avanços na agricultura é um dos cerne para promover crescimento, superar a pobreza e aumentar a segurança alimentar do continente africano (BANCO MUNDIAL, 2008).

A Embrapa é uma das principais instituições que participam da cooperação entre Brasil e África na área agrícola, com atuação em pelo menos 27 países (PEREIRA, 2012). Em coordenação com a ABC (AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO, 2014a), a Embrapa abriu um escritório na África ocidental em Acra, Gana, em 2006, com o objetivo inicial de coordenar todas as solicitações de parceiros africanos e contribuir para o desenvolvimento agrícola do continente. Além disso, a Embrapa criou uma unidade de coordenação em países que tinham projetos estruturantes em andamento (PONTE..., 2011).

A colaboração da Embrapa com os países africanos realiza-se por meio de quatro instrumentos: pequenos projetos, projetos estruturantes, capacitação técnica e a Plataforma África-Brasil para a Inovação Agrícola (PONTE..., 2011; UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT, 2012). Os pequenos projetos são caracterizados pelo menor porte e duração e são voltados principalmente para consultoria e treinamentos pontuais. Os projetos estruturantes são projetos concebidos com uma visão de longo prazo e buscam o desenvolvimento social dos parceiros por meio da instalação de desenvolvimento de capacidade, que inclui desde fazendas experimentais até centros de capacitação (por exemplo, *cotton-four* em Mali, e apoio técnico para o desenvolvimento de inovação agrícola em Moçambique). A capacitação técnica tem como objetivo treinamento em agricultura brasileira, produção de sementes, sistemas de produção familiar, conservação de recursos hídricos e outros, por intermédio da Embrapa Estudos e Capacitação. O quarto instrumento será retratado na próxima sessão.

Plataforma África-Brasil

A Plataforma África-Brasil de Inovação Agropecuária (MKTPlace) é uma iniciativa multi-lateral com liderança brasileira em parceria com instituições internacionais, para promover e aprimorar a cooperação entre países do Hemisfério Sul (MKTPLACE, 2013a). Criada em maio de 2010, a Plataforma busca promover a pesquisa agropecuária e a inovação para o desenvolvimento do continente africano, por meio do diálogo, para subsidiar políticas públicas e o financiamento de projetos colaborativos com foco no pequeno produtor (PEREIRA, 2012). O programa teve o apoio inicial do Fórum para Pesquisa Agrícola na África (Fara); da ABC; do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Ifad); do Banco Mundial; e do Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido (DFID) (MKTPLACE, 2013c). Seu progresso chamou a atenção da Fundação Bill & Melinda Gates (BILL & MELINDA GATES FOUNDATION, 2013), que fez parceria com a Plataforma na terceira rodada. Em virtude dos resultados obtidos na África, em 2011, a Plataforma expandiu-se para a América Latina e Caribe (PEREIRA, 2012).

Os projetos são elaborados por pesquisadores de instituições de países africanos (públicas e privadas), juntamente com pesquisadores da Embrapa. Cada projeto necessariamente contém um pesquisador brasileiro e um estrangeiro, não sendo permitida a submissão de pré-propostas sem a participação de ambos (MKTPLACE, 2013b). O website⁹ da Plataforma é o principal mecanismo de comunicação e fonte de informações para os participantes do MKTPlace. Por meio dele, também são realizadas as etapas de seleção de projetos e o envio de pré-propostas e propostas para avaliação. Os pesquisadores submetem pré-propostas, que são avaliadas por um Comitê Executivo. A avaliação por esse Comitê define as melhores pré-propostas¹⁰, que são aprovadas para

submissão da proposta plena e que novamente serão avaliadas – as melhores são selecionadas, e então se inicia a implementação do projeto.

A Plataforma já realizou quatro rodadas de seleção de projetos, e as pré-propostas obtidas nelas constituem o universo de pesquisa deste estudo. Em pouco mais de 3 anos, o MKTPlace mobilizou 103 instituições africanas de mais de 20 países.

Metodologia

A pesquisa realizada neste trabalho é de natureza tanto qualitativa quanto quantitativa e foi feita com base no banco de dados de projetos da Plataforma África-Brasil de Inovação Agropecuária, abrangendo as 267 pré-propostas submetidas no período que vai desde sua criação, maio de 2010, até a data de realização do presente estudo, abril de 2013.

Foram realizados a análise da evolução da qualidade das pré-propostas e o levantamento dos países com as propostas mais bem avaliadas ao longo das quatro rodadas. Utilizaram-se os mesmos cinco critérios adotados pelo Comitê Executivo para a seleção das melhores propostas: i) grau de inovação; ii) concepção; iii) objetivos; iv) impactos; v) potencial para replicagem e competência da equipe proponente de cada uma das pré-propostas.

Em seguida, foi realizada a análise quantitativa para averiguar possíveis fatores que explicassem a diferença do número de propostas submetidas e aprovadas por país e por região da África. Para essa análise, foram levantadas informações sobre a quantidade de Unidades da Embrapa envolvidas, além de indicadores socioeconômicos e tecnológicos dos países estudados: produto interno bruto – PIB¹¹ (ano base 2011), índice de desenvolvimento humano

⁹ Disponível em: <www.mktplace.org>.

¹⁰ O conteúdo das pré-propostas consiste em um resumo do que os pesquisadores pretendem desenvolver em um projeto e, portanto, por meio da avaliação delas, é possível averiguar a qualidade das pré-propostas e o potencial do projeto.

¹¹ PIB é a soma de todos os serviços e bens produzidos num período (mês, semestre, ano) numa determinada região (país, estado, cidade, continente). Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD/countries>>. Acesso em: 1 mar. 2013.

– IDH¹² (ano base 2011), posição dos países no ranking tecnológico¹³ (ano base 2012), percentual do PIB destinado a pesquisa e desenvolvimento¹⁴ (ano base 2007), quantidade gasta (em milhões de dólares) pelo setor público com pesquisa e desenvolvimento agrícola¹⁵ (ano base 2008) e número de usuários de internet por país africano¹⁶ (ano base 2012). Esses índices dão uma indicação do nível de desenvolvimento e da capacidade tecnológica de cada país. Os dados dos índices utilizados neste trabalho foram selecionados com o intuito de abranger o máximo de países possível, pois nem todos possuem dados atualizados. Portanto, utilizou-se, para cada índice, a fonte que pudesse ser aplicada ao maior número possível de países.

Além disso, verificaram-se os aspectos relacionados ao idioma e à influência dos doadores sobre os países receptores na quantidade de pré-propostas submetidas. Também foram consideradas as estatísticas de acessos ao site da Plataforma, já que o website funciona como mecanismo facilitador e explicativo no momento da elaboração de pré-propostas.

Os dados numéricos foram analisados por métodos estatísticos e regressões lineares simples para a determinação de médias, coeficientes de determinação e elaboração de gráficos.

Resultados e discussão

As pré-propostas recebidas nas quatro primeiras rodadas da Plataforma são originárias de 27 países africanos – aproximadamente 50% do continente – (Tabela 1) em parceria com pesquisadores de 40 Unidades da Embrapa (Tabela 2). O número de pré-propostas submetidas por país variou de 1 a 38, com média de aproximadamente 10 por país.

A quantidade de pré-propostas submetidas variou entre as regiões africanas (Tabela 3). A região que mais enviou pré-propostas foi o Leste da África, que inclui Quênia, Etiópia e Uganda, estas com 38, 34 e 29 pré-propostas respectivamente. Já a região que enviou a menor

Tabela 1. Número de pré-propostas recebidas por país.

País	Nº de pré-propostas
África do Sul	11
Angola	1
Argélia	3
Benim	7
Botsuana	2
Burkina Faso	3
Camarões	8
Chade	1
Costa do Marfim	2
Egito	5
Etiópia	34
Gana	23
Madagascar	2
Maláui	5
Mali	4
Moçambique	14
Nigéria	32
Quênia	38
República Democrática do Congo	2
Ruanda	1
Senegal	4
Serra Leoa	1
Tanzânia	19
Togo	2
Tunísia	3
Uganda	29
Zimbábue	11
Total	267

¹² O IDH mede o nível de desenvolvimento humano dos países, utilizando como critérios indicadores de educação, expectativa de vida e renda per capita. Disponível em: <<https://data.undp.org/dataset/>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

¹³ O networked readiness index (NRI) é um mecanismo de mensuração do nível de prontidão ou disponibilização das tecnologias da informação e comunicação entre as nações. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/Global_IT_Report_2012.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2013.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.worldbank.org/>>. Acesso em: 1 mar. 2013.

¹⁵ Disponível em: <www.asti.cgiar.org/>. Acesso em: 1 mar. 2013.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats1.htm>>. Acesso em: 3 set. 2013.

Tabela 2. Número de pré-propostas recebidas por Unidades da Embrapa.

Unidade da Embrapa	Nº de pré-propostas
Acre	7
Agrobiologia	9
Agroenergia	5
Agroindústria de Alimentos	9
Agroindústria Tropical	2
Agropecuária Oeste	5
Agrosilvopastoril	1
Algodão	11
Amapá	5
Amazônia Oriental	9
Arroz e Feijão	14
Café	2
Caprinos e Ovinos	17
Cerrados	5
Clima Temperado	6
Cocais	1
Estudos e Capacitação	2
Florestas	3
Gado de Corte	8
Gado de Leite	9
Hortaliças	13
Informação Tecnológica	2
Informática Agropecuária	3
Instrumentação	1
Mandioca e Fruticultura	8
Meio Ambiente	6
Meio-Norte	25
Milho e Sorgo	14
Pantanal	3
Pecuária Sul	1
Pesca e Aquicultura	5
Recursos Genéticos e Biotecnologia	19
Rondônia	3
Roraima	2
Semi-Árido	7
Solos	7
Soja	8
Suínos e Aves	5
Tabuleiros Costeiros	3
Transferência de Tecnologia	2
Total	267

Tabela 3. Número de pré-propostas recebidas por região africana.

Região africana	Nº de pré-propostas
Norte	11
Central	12
Sul	13
Oeste	78
Leste	153
Total	267

quantidade foi a África Central, que engloba Angola e Chade e outros, com apenas uma pré-proposta cada um.

Análise qualitativa

A região Leste da África, responsável pelo maior número de pré-propostas, também recebeu as maiores notas do Comitê Executivo, pois, das cinco pré-propostas mais bem avaliadas, 80% foram oriundas dessa região. Em relação àquelas mais mal avaliadas, estão entre elas as pré-propostas submetidas pelas regiões Leste e Oeste do continente, cada uma com dois representantes entre as dez pré-propostas com notas mais baixas, na primeira, segunda e terceira rodadas. Na quarta rodada, pode-se observar que os países com as pré-propostas menos bem avaliadas em rodadas anteriores alcançaram lugares prestigiosos entre as dez melhores.

Na primeira e na segunda rodadas, as pré-propostas com notas muito elevadas eram predominantes, diferentemente do que ocorreu com as pré-propostas da terceira rodada, quando houve notas mais baixas. Na quarta rodada, as notas dadas para as pré-propostas submetidas distribuíram-se num curto intervalo, ou seja, as pré-propostas obtiveram resultado mais uniforme e foram também mais bem avaliadas. Isso possivelmente ocorreu pela falta de experiência e familiaridade da equipe avaliadora durante as primeiras rodadas, bem como dos pesquisadores que submeteram as pré-propostas. Na quarta ro-

dada, pode-se aferir que houve amadurecimento e maior familiarização com o processo tanto dos pesquisadores quanto da equipe avaliadora, visto que, de maneira geral, percebe-se que ocorreu melhora significativa na qualidade das propostas.

As questões levantadas como pontos a serem melhorados nas propostas e que, em grande parte, justificam sua não seleção incluem: i) falta de profundidade e clareza na justificativa para o estudo; ii) objetivos excessivamente ambiciosos, especialmente considerando-se o tempo (máximo de 2 anos) e recursos disponíveis para financiar os projetos (valor máximo de USD 80.000,00); iii) ausência de ligações mais claras entre a proposta e o desenvolvimento agrícola e os impactos potenciais, especificamente os impactos sobre a pobreza; e iv) falta de um elemento de inovação claro. A limitação de recursos financeiros disponíveis para financiar projetos também restringiu o número de propostas selecionadas para execução dos projetos.

Análise quantitativa

Por meio da análise por regressão linear simples, observou-se que a quantidade de pré-propostas enviadas por país/região não está correlacionada com os indicadores desses países, como o IDH, o PIB per capita, a posição no ranking tecnológico, o percentual do PIB destinado a pesquisa e desenvolvimento (P&D), a quantidade gasta pelo setor público com pesquisa e desenvolvimento agrícola, e o número de usuários de Internet (Figura 1). Nessa Figura, vale o que segue:

1) Na análise do número de pré-propostas por IDH, foram considerados estes países: Argélia, Egito, Tunísia, Angola, Camarões, Chade, República Democrática do Congo, Benim, Burkina Faso, Gana, Costa do Marfim, Mali, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Togo, Botsuana, África do Sul, Etiópia, Quênia, Madagascar, Malauí, Moçambique, Ruanda, Tanzânia, Uganda e Zimbábue.

2) Na análise por posição no ranking de desenvolvimento tecnológico, foram considerados Argélia, Egito, Tunísia, Angola, Camarões, Chade, Benim, Burkina Faso, Gana, Costa do Marfim, Mali, Nigéria, Senegal, Botsuana, África do Sul, Etiópia, Quênia, Madagascar, Malauí, Moçambique, Ruanda, Tanzânia, Uganda e Zimbábue.

3) Na análise por PIB per capita, foram considerados Argélia, Egito, Tunísia, Angola, Camarões, Chade, República Democrática do Congo, Benim, Burkina Faso, Gana, Costa do Marfim, Mali, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Togo, Botsuana, África do Sul, Etiópia, Quênia, Madagascar, Malauí, Moçambique, Ruanda, Tanzânia, Uganda e Zimbábue.

4) Na análise por gastos com P&D (% do PIB), foram considerados Egito, Tunísia, Angola, Burkina Faso, Gana, Mali, Nigéria, África do Sul, Etiópia, Quênia, Madagascar, Moçambique, Ruanda, Tanzânia e Uganda.

5) Na análise por gastos com P&D agrícola, foram considerados Benim, Burkina Faso, Gana, Costa do Marfim, Mali, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Togo, Botsuana, África do Sul, Etiópia, Quênia, Madagascar, Moçambique, Ruanda, Tanzânia e Uganda.

6) Na análise por número de usuários de Internet, foram considerados Argélia, Egito, Tunísia, Angola, Camarões, Chade, República Democrática do Congo, Benim, Burkina Faso, Gana, Costa do Marfim, Mali, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Togo, Botsuana, África do Sul, Etiópia, Quênia, Madagascar, Malauí, Moçambique, Ruanda, Tanzânia, Uganda e Zimbábue.

Esperava-se que países com IDH e PIB baixos e com menor investimento em P&D não fossem tão atuantes nas chamadas da Plataforma. A expectativa era de que países africanos mais

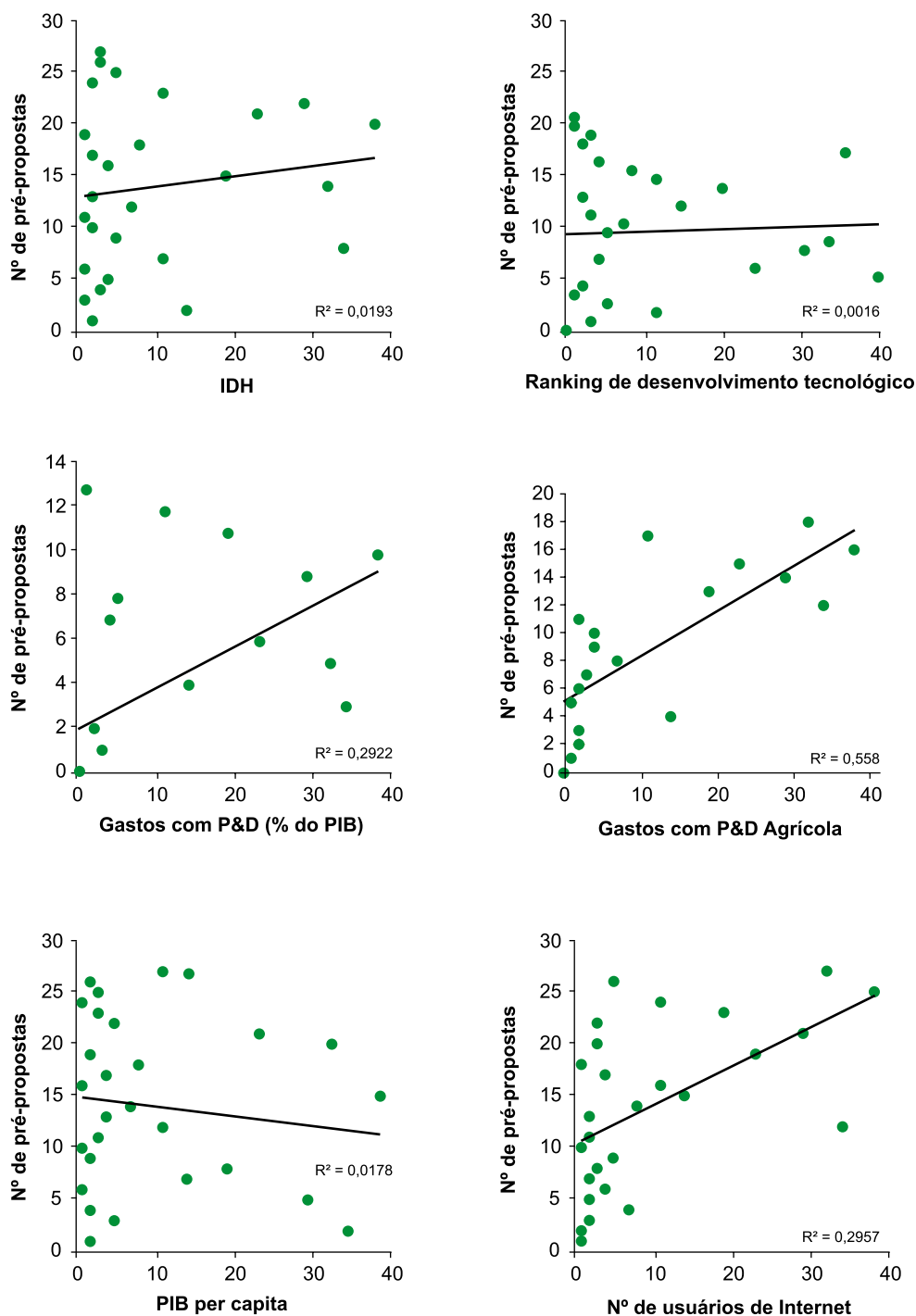


Figura 1. Número de pré-propostas submetidas por país de acordo com IDH, PIB per capita, posição no ranking de desenvolvimento tecnológico, percentual do PIB destinado a pesquisa e desenvolvimento, quantidade gasta em milhões pelo setor público com pesquisa e desenvolvimento agrícola, e número de usuários de Internet.

bem posicionados nesses índices apresentariam maior número de pré-propostas e com melhor qualidade. Entretanto, as correlações desses fatores com a quantidade de pré-propostas foram muito baixas (baixos coeficientes de determinação R^2 para as correlações analisadas). Dessa maneira, por meio da análise dos resultados, os autores sugerem que a quantidade de pré-propostas submetidas pelos países/regiões é influenciada por outros indicadores.

Acredita-se que o idioma seja um dos fatores que possa explicar a disparidade no número de pré-propostas submetidas, pois a língua oficial utilizada pela Plataforma é a inglesa, e diversos países africanos não a possuem como língua materna. Esse fato é reforçado pela quantidade de acessos ao website do MKTPlace, em que o maior número é proveniente dos países africanos cujo inglês é a língua oficial (Figura 2). Além disso, observou-se que existe correlação significativa ($R^2 = 0,79$) entre o número de pré-propostas enviadas e a quantidade de acessos ao website (Figura 3). O envio de pré-propostas de países que possuem o inglês como língua oficial, bem como sua aprovação, é consideravelmente superior. Infere-se que o acesso ao website e às informações nele contidas oferece maior segurança e entendimento sobre o envio de

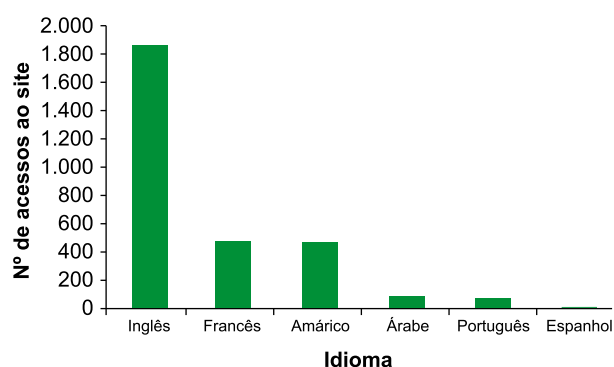


Figura 2. Número de acessos ao site da Plataforma de Inovação Agropecuária em relação à língua oficial do país de origem.

propostas, permitindo assim o envio delas para processos de seleção.

O fator idioma também pode ter interferido na comunicação entre os pesquisadores brasileiros e africanos e dificultado a elaboração das pré-propostas. A infraestrutura da cooperação Sul-Sul é ineficiente, e é necessário que existam investimentos na estrutura dessas iniciativas, não somente na parte técnica da cooperação, para que a transferência de conhecimento ocorra de forma mais eficiente entre os parceiros (MALI, 2009). Problemas nas redes de comunicação são apontados como entraves e têm afetado o

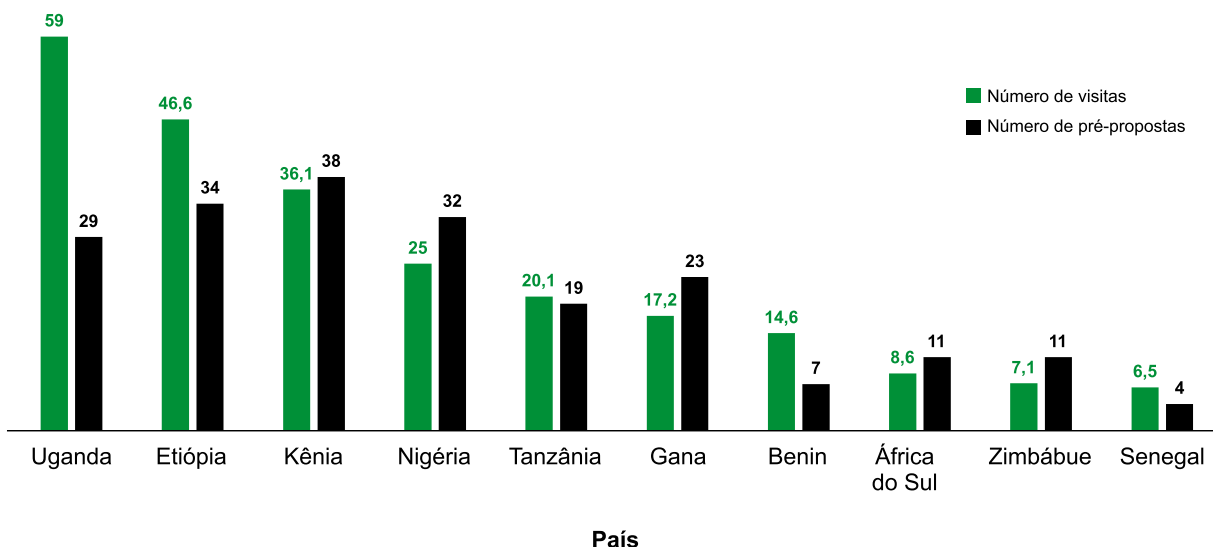


Figura 3. Número de pré-propostas submetidas por país em relação ao número de visitas ao site.

sucesso de iniciativas de cooperação Sul-Sul. Uma solução para esse problema seria ampliar o leque de línguas adotadas pela Plataforma.

A maioria dos países africanos é dependente de investimentos externos de doadores internacionais (PERSPECTIVAS..., 2010). Como reflexo desses investimentos, os doadores acabam exercendo forte influência sobre os países receptores, principalmente sobre aqueles baseados na agricultura. Em 24 países da África Subsaariana, as contribuições dos doadores representaram no mínimo 28% dos gastos com desenvolvimento agrícola nesses países – e mais de 80% em alguns outros países do continente (BANCO MUNDIAL, 2008). Neste trabalho, verificou-se que os países que atendem aos requisitos para apoio financeiro da Fundação Bill & Melinda Gates, a partir da terceira rodada, enviaram um número muito maior de pré-propostas do que haviam enviado antes de receberem apoio, caso da Etiópia, que passou de 6 para 28 pré-propostas enviadas. Etiópia e Nigéria, países apoiados pela Fundação Bill & Melinda Gates, foram aqueles que enviaram o segundo e o terceiro maior número de pré-propostas, considerando-se o total enviado durante as quatro rodadas: 34 e 32, respectivamente. Esse resultado sugere que o estímulo oferecido pelos doadores, por meio da comunicação direta com as instituições e incentivo de envio de pré-propostas, é de suma importância.

A ausência de estabilidade política e social, e de fundamentos macroeconômicos estáveis, premissas básicas quase nunca presentes em países da África, é um aspecto que também pode ter influenciado o número de pré-propostas enviadas por país/região. Segundo o Relatório de Desenvolvimento Mundial (BANCO MUNDIAL, 2008), esses elementos são básicos para que projetos agrícolas possam ser implementados com eficiência. A conjuntura social e política pode ter sido determinante no caso de países como Egito, Sudão, Mali e Argélia, que recentemente passaram por sérias crises políticas e guerras civis – enviaram poucas pré-propostas: 5, 0, 4 e 3, respectivamente.

Outro fenômeno que também pode ter influenciado os resultados observados foram os desdobramentos da crise financeira internacional em 2008. Segundo Fernandes (2012), a crise mundial provocou a queda da taxa de crescimento da África Subsaariana, de 7%, em 2007, para 2,1% em 2009. A região passava por forte crescimento e despertava o interesse para os investimentos estrangeiros; porém, depois da crise, as economias regionais se depararam com um cenário desfavorável no que diz respeito às perspectivas de crescimento e redução da pobreza. O declive do investimento estrangeiro direto foi um dos principais aspectos que afetaram os países africanos depois da crise mundial (ARIEF et al., 2010; PERSPECTIVAS..., 2010).

Conclusão

Países do Leste da África são os responsáveis pelo maior número de pré-propostas submetidas e pelas mais bem avaliadas. Foi observada baixa correlação entre o número de pré-propostas submetidas por país/região e os indicadores PIB, IDH, posição dos países no ranking tecnológico, percentual do PIB destinado a pesquisa e desenvolvimento, quantidade gasta pelo setor público com pesquisa e desenvolvimento agrícola, e número de usuários de Internet. Duas das causas que possivelmente explicam a correlação entre acessos ao website e o número de submissões de pré-propostas são: o idioma dos países participantes da Plataforma; e a eficiência de comunicação entre determinados parceiros e determinados países do continente africano. Nos próximos trabalhos, poder-se-ia estender a análise das redes de cooperação preexistentes entre instituições estrangeiras e o MKTPlace, visto que laços estabelecidos anteriormente podem ter grande peso no acesso à informação, e conseqüentemente, no envio de pré-propostas. Igualmente, fatores ligados à esfera política e à crise financeira podem ter influenciado o número de pré-propostas enviadas por país/região. É possível que outros tipos de análise apontem correlação maior entre esses in-

dicadores e o número de pré-propostas; todavia, não foram estudadas neste trabalho.

Com base nos resultados deste estudo, uma das estratégias factíveis para fomentar a maior participação de mais regiões do continente africano é a ampliação da estratégia de comunicação. Ao analisar-se a língua oficial dos países que submeteram pré-propostas e quais países acessam o website (disponível na língua inglesa), verificou-se que, excluindo-se o português, o segundo maior número de acessos é de países cuja língua oficial é a francesa. Uma possível alternativa seria disponibilizar os guias para escrita de pré-propostas também em francês e criar um *help desk* em francês para apoiar o processo de tramitação de propostas, podendo funcionar como um auxílio nas dúvidas durante o período de submissão de pré-propostas àqueles pesquisadores que solicitarem. A existência de redes de comunicação é essencial para apoiar os mecanismos da Plataforma, visando a seu aprimoramento, para que seus objetivos sejam atingidos com mais clareza e intensidade.

Referências

AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO. **Introdução**. Disponível em: <<http://www.abc.gov.br/SobreAbc/Introducao>>. Acesso em: 25 abr. 2014a.

ARGOLLO, R. **Africa-Brazil-Latin America And Caribbean Agricultural Innovation Marketplace**. Disponível em: <<http://www.africa-brazil.org/site/index.php/what-we-do/about-the-marketplace>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

ARIEF, A.; WEISS, M. A.; JONES, V. C. **The global economic crisis: impact on Sub-Saharan Africa and Global Policy Responses**. 2010. Congressional Research Service. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hFpZ5aEpZfMC&oi=fnd&pg=PA1&dq=The+Global+Economics+Crisis:+impact+on+Sub-Saharan+Africa+and+Global+Policy+Responses.&ots=UdEmS3qYjr&sig=PsmZAlhuXvQHBH8-m_laXYFGEXU#v=onepage&q=The%20Global%20Economics%20Crisis%3A%20impact%20on%20Sub-Saharan%20Africa%20and%20Global%20Policy%20Responses.&f=false>. Acesso em: 25 abr. 2014.

BANCO MUNDIAL. **Agricultura para o desenvolvimento: relatório sobre desenvolvimento mundial: visão geral**. Washington, DC 2008. 34 p. Disponível em:

<<https://wdronline.worldbank.org/worldbank/a/langtrans/28%E2%80%8E>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

BERNDT, P. P. **A cooperação técnica internacional como instrumento da política externa brasileira: o Brasil como doador junto aos países africanos**. 2009. 62 f. Monografia (Bacharel no curso de Relações Internacionais) - Instituto de Ciência Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21484/000736660.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 4 jun. 2013.

BILL & MELINDA GATES FOUNDATION. **Press Releases**. Disponível em: <<http://www.gatesfoundation.org/press-releases/Pages/brazil-africa-partnership-111101.aspx>>. Acesso em: 27 jan. 2013.

BUSO, C. C. **Plataforma África-Brasil de Inovação Agropecuária: uma análise dos elementos da comunicação para cooperação organizacional e internacional**. 2011. 68 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

CABRAL, L. **Cooperação Brasil-África para o desenvolvimento: caracterização, tendências e desafios**. Rio de Janeiro: Cindes, 2011. 39 p. (Textos Cindes, 26).

COOPERAÇÃO Brasileira para o Desenvolvimento Internacional: 2005-2009. Brasília, DF: Ipea: ABC, 2010. 78 p.

FAO. **Food and Agriculture Organization of the United Nations**. Rome, 2013. 114 p.

FERNANDES, L. N. As consequências da crise financeira internacional nas economias da África Subsaariana. **Qualit@s**, Campina Grande, v. 13, n. 2, 2012.

MALI, T. Crise deve frear parceria de países pobres: verba de nações ricas para projetos entre emergentes deve minguar, afirma especialista; em turbulência anterior, queda foi de até 62%. **PNUD**, Brasília, DF, 22 maio 2009. Notícias. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=2121>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

MKTPLACE. **About Us**. Disponível em: <<http://MKTPlace.org/site/index.php/what-we-do/about-the-marketplace>>. Acesso em: 17 jan. 2013a.

MKTPLACE. **General Information**. Disponível em: <<http://MKTPlace.org/site/index.php/projects/general-information>>. Acesso em: 18 jan. 2013b.

MKTPLACE. **Governance**. Disponível em: <<http://MKTPlace.org/site/index.php/what-we-do/governance>>. Acesso em: 17 jan. 2013c.

PEREIRA, T. A. C. de. **Os instrumentos clássicos de cooperação técnica e a Plataforma África-Brasil de Inovação Agropecuária**. 2012. 102 f. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) - Instituto

de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

PERSPECTIVAS económicas em África. Paris: OECD Publishing, 2010. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/development/perspectivas-economicas-em-africa-2010_9789264086982-pt>. Acesso em: 3 jun. 2013.

PONTE sobre o Atlântico Brasil e África Subsaariana: parceria Sul-Sul para o crescimento. Brasília, DF: Banco Mundial: Ipea, 2011. 150 p.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Cooperação Sul-Sul**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/CooperacaoSulSul.aspx>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

RENZIO, P. de; GOMES, G. Z.; FONSECA, J. M. E. M. da; NIV, A. **O Brasil e a Cooperação Sul-Sul**: como responder aos desafios correntes. Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Pesquisas BRICS, 2013. 10 p.

SANTOS, M. do C. R. dos. Lineamentos sobre a Cooperação Sul-Sul brasileira e sua Política de Transferência a partir de um estudo de caso. In: CIRCUITO DE DEBATES ACADÊMICOS DAS CIÊNCIAS HUMANAS, 1.; CONFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO, 2., 2011, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: Ipea, 2012. CODE 2011.

SARAIVA, M. G. As estratégias de cooperação Sul-Sul nos marcos da política externa brasileira de 1993 a 2007. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 42-59, 2007.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **Report of the Multi-year Expert Meeting on International Cooperation**: South-South Cooperation and Regional Integration on its fourth session. 2012. Disponível em: <http://unctad.org/meetings/en/SessionalDocuments/ciimem2d12_en.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2014.